

## Quando produzir na Floresta aumenta a oportunidade de conservação

Iniciativas de conservação de florestas abrem possibilidades de geração de trabalho e renda e do comércio justo na cadeia da sociobiodiversidade



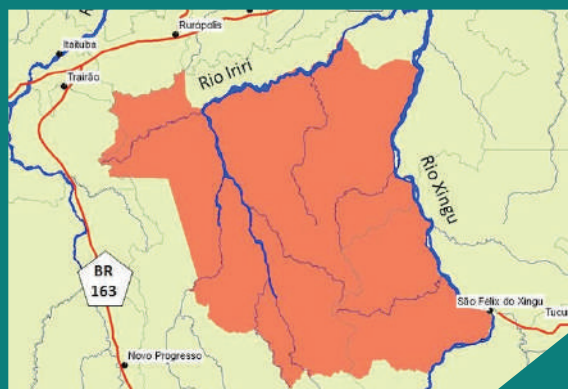
**L**ocalizada entre os rios Xingu, Iriri e Tapajós, a Terra do Meio é uma das maiores áreas preservadas de Floresta Amazônica. Esse berço da biodiversidade, no Pará, abriga unidades de conservação, reservas extrativistas, estações ecológicas, o Parque Indígena do Xingu, além de povos tradicionais e ribeirinhos que conservam saberes, culturas e ancestralidade. Ao longo de 10 anos, diversas iniciativas apoiadas pelo Fundo Vale aliaram as estratégias de conservação e preservação ambiental à vocação econômica no território, em processos locais de produção e comercialização, para que comunidades extrativistas, agrícolas e beneficiadoras obtenham não apenas subsistência, mas qualidade de vida, tornando-se barreiras orgânicas para exploração sem controle.

Devido a riqueza de recursos naturais que concentra, a Terra do Meio é alvo de uma alta pressão econômica, de constante de ameaças de desmatamento, grilagem de terras, garimpo, extração ilegal de madeira, pecuária extensiva. O passado da região guarda uma história de embate entre preservação e desenvolvimento, um falso dilema que culmina não só em degradação, mas também em violência contra os povos da floresta e defensores de direitos humanos e do meio ambiente.

Desde a demarcação das terras indígenas e o estabelecimento do Mosaico de Unidades de Conservação, ao longo da década de 2000, tem sido possível às comunidades locais experimentarem modos de vida mais justos para o homem e mais seguros para o meio ambiente. O Fundo Vale viu no Corredor do Xingu um leque de oportunidades de transformação e fomento a negócios de impacto social, sem que fosse necessário recuar nas práticas de preservação e conservação.

## Terra do Meio

- Situada entre os rios Xingu, Iriri e Tapajós.
- Mais de 8 milhões de hectares.
- Abriga diversas espécies de animais, como onças, jacarés, macacos e tamanduás.
- Os maiores estoques remanescentes de mogno estão concentrados nessa região e nas terras indígenas adjacentes.
- Cerca de 20 mil pessoas distribuídas em 125 comunidades vivem na zona rural de Porto de Móz, na margem direita do Xingu, e sobrevivem de caça, pesca, agricultura familiar, extrativismo e comércio de produtos florestais.



Fonte: NEPO/Unicamp

## Das estratégias de conservação ao desenvolvimento de cadeias produtivas

Os investimentos do Fundo Vale na Terra do Meio, desde 2010, seu primeiro ano de atuação, integraram a frente programática de Áreas protegidas e biodiversidade. Essa frente visava promover a gestão unificada das áreas preservadas, em conexão e sinergia com as estratégias de desenvolvimento local e regional, de forma a demonstrar a sua contribuição para os territórios e garantir a sustentabilidade destas áreas e de seus povos. Lá, propostas de desenvolvimento de tecnologias sociais, arranjos produtivos, políticas públicas e estratégias de comercialização de produtos da floresta vêm sendo combinadas desde então.

Tudo começou com projetos que ajudaram a estruturar o Mosaico das Unidades de Conservação e o estudo para desenvolver propostas produtivas para reservas extrativistas e seus planos de manejo, aproveitando a vocação de cada uma. Isso permitiu o ingresso de produtores locais em cadeias da sociobiodiversidade nas áreas de alimentos, cosméticos, borracha de origem vegetal, entre outros.

Outra frente fomentada foi a do fortalecimento de lideranças e de organizações locais para capacitação, reconhecimento e valorização dos serviços socioambientais em seu território, e resiliência diante do cenário econômico e político na região.

Deste investimento de médio a longo prazo, surgiram propostas distintas com um foco semelhante: fomentar uma cadeia multiprodutos, transpor barreiras de distribuição, e viabilizar o acesso a mercados justos e a formas de comercialização. Entre os projetos implementados, e que seguem sendo fonte de geração de renda para comunidades da Terra do Meio e entorno, destacamos três histórias para contar aqui: a estruturação da Rede de Sementes do Xingu, a Rede de Cantinas, e o selo Origens do Brasil, iniciativas em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA) e o Imaflora.

## Rede de Sementes do Xingu



Baru, ipê, copaíba, angelim-de-saia, cumaru, mamoinhas. Essas são algumas das sementes mapeadas e reunidas, em grande quantidade, pelos coletores da Rede de Sementes do Xingu, formada por homens, mulheres e jovens, que vivem em aldeias indígenas, assentamentos de reforma agrária, quilombos, sítios e cidades do Mato Grosso e Pará, numa relação de trocas e encomendas de sementes de árvores e outras plantas nativas das regiões do Xingu, Araguaia e Teles Pires. Pesquisadores e organizações governamentais e da sociedade civil completam a rede.

O projeto surgiu em 2007 para atender uma dupla necessidade. Por um lado, produtores e proprietários de terra, diante do risco de verem secar suas nascentes, precisavam de sementes de boa qualidade para reflorestar os berços d'água. Do outro, comunidades com um precioso conhecimento pronto a ser convertido em renda para as famílias. O papel do ISA foi fomentar e dar assessoria à iniciativa, organizando a rede de coletores,



que existe há 13 anos, atuando na elaboração do plano de negócios, e depois constituindo sua formalização legal. A Rede de Sementes do Xingu, apoiada pelo Fundo Vale, atua de forma autônoma desde 2014 como um negócio social.

O projeto representa uma forte contribuição para restauração ambiental da região e para a oferta de alternativas de trabalho e renda nessa prestação de serviços ecossistêmicos diretamente ligados à contenção das mudanças climáticas.

“O ISA foi uma das primeiras organizações parceiras do Fundo Vale, nossas iniciativas sempre abordaram diferentes dimensões, o que chamamos projetos estruturantes, e foi muito estratégico ter um apoio com essa envergadura. É importante encontrar quem acredite em um investimento longo prazo, significativo, para dar uma virada e chegar a um patamar que sai da escala de projeto para uma mais processual, que é o que a gente acredita.”

**Rodrigo Junqueira**  
Secretário-executivo do ISA

- 560 coletores atuando no recolhimento e na semeadura

- 23 municípios brasileiros, sendo 21 em Mato Grosso e dois no Pará (Altamira e Brasil Novo)

- R\$ 4 milhões em renda gerada

- 245 toneladas de sementes

- 200 espécies nativas

## Rede de Cantinas

Vender seus produtos a preço justo sempre foi um desafio para as comunidades.

No passado, a única forma de escoar a produção era por meio de atravessadores.

Em 2011, entrepostos comerciais e usinas de beneficiamento de babaçu, castanha e borracha começaram a ser estruturados na Resex do Riozinho do Anfrísio, depois nas Resex do Iriri e do Xingu. Batizados de Cantinas da Terra do Meio, esses pontos comerciais são o elo entre grandes compradores e comunidades, por meio de contratos com volumes e valores definidos em reuniões anuais com os ribeirinhos e povos nativos com total transparência.



Cada cantina tem seu administrador escolhido pela comunidade. Organizações como o Fundo Vale foram essenciais na estruturação dessa rede pelo ISA, financiando assessoria técnica, capacitação, e pela viabilização de capital de giro para que as cantinas pudessem pagar pela produção das famílias, em dinheiro, ou com outros itens. Além de produtos in natura, são vendidos óleos, sementes e farinhas de castanha, babaçu e copaíba, e outros produtos da sociobiodiversidade, diversos deles certificados.

As cantinas são, ainda, um ponto de fortalecimento comunitário, nelas são disseminadas informações sobre a gestão do território, incluindo monitoramento das áreas protegidas, iniciativas de educação e saúde. “A rede de cantinas aliou filantrópica com a parte do negócio social, trabalhando com impacto. Cria uma institucionalidade guiada por uma demanda, não o contrário. Deu certo porque respeitou como as famílias se movimentam socialmente e economicamente no território. Não pelo que a gente, branco, da cidade, acha que tem de mudar”, atesta Rodrigo Junqueira. “A Amazônia tem suas particularidades e temos de medir o sucesso dessas iniciativas por outras métricas. O próximo passo é entender como a externalidade positiva gerada pode ser computada no preço dos produtos, feitos por povos que prestam um enorme serviço socioambiental para todos.”, conclui Rodrigo. A Rede de Cantinas também tem uma marca própria, a Vem do Xingu.

- **27 cantinas em Terras Indígenas e Reservas Extrativistas**

- **8 miniusinas de processamento multiprodutos**

- **44 paióis de estocagem**

- **9 casas da borracha e 153 estradas de seringa reabertas.**

- **R\$ 3,75 milhões de reais comercializados entre 2009 e 2018**

- **Sete contratos firmados com empresas**

## Selo Origens Brasil

Além de fazer chegar até as prateleiras nos grandes centros os produtos do Xingu, é importante que o consumidor e a sociedade saibam distinguir aqueles itens como sendo de fonte sustentável, de comércio justo, fomentadores da economia da floresta em pé. Um selo foi a saída natural para gerar identificação, além de rastreabilidade, garantia de origem, transparência cadeia, informações acessíveis apontando a câmera do celular a um QR Code.



Concebido pelo ISA e Imaflora, com apoio do Fundo Vale, o selo Origens do Brasil® vem atender à necessidade de povos tradicionais da Amazônia, ONGs e empresas envolvidas em cadeias produtivas da sociobiodiversidade de transmitirem seus valores.

A governança da rede em torno do Origens do Brasil® é coletiva – produtores inserem informações de forma colaborativa na plataforma, como local e volume da produção, comercialização e indicadores que ajudam na gestão dos riscos da cadeia produtiva e dão transparência para quem compra os produtos. Ao acessar o QR Code, todos podem ver que a rede de negócios sociais identificadas pelo selo Origens do Brasil formam corredores de áreas protegidas, e que o patrimônio sociocultural de povos tradicionais, indígenas, ribeirinhos e quilombolas está também preservado. Além da Terra do Meio, há comitês de gestão territorial para rastreio na Calha Norte do Pará e na região do Rio Negro.

Em 2019, a iniciativa recebeu o Prêmio Internacional de Inovação para a Alimentação e Agricultura Sustentáveis da ONU, que reconhece inovações em prol da transformação dos sistemas alimentares, redução a fome no mundo, e para a segurança alimentar da agricultura familiar.

“O Fundo Vale foi um parceiro bastante relevante para o Imaflora. Tivemos o apoio e a liberdade para prototipar e testar ideias, o projeto acabou se mostrando viável, e posteriormente fomos novamente apoiados já com o teste de um piloto. O Origens Brasil®, hoje uma rede premiada pela ONU, nasceu assim e após esse ciclo foi acelerada pelo Fundo Amazônia, mostrando a importância e complementariedade de diferentes perfis de financiadores nas diferentes fases de um projeto. Essa flexibilidade de financiamento que tivemos no início, foi fundamental para fazer emergir soluções e inovações que hoje estão sendo aplicadas em escala para fortalecer e expandir a economia da floresta em pé na Amazônia.”

**Patricia Cota Gomes**  
Coordenadora da rede Origens Brasil®  
e secretária-executiva adjunta do Imaflora